

## **Língua e identidade: estudo sociolinguístico de (re)conhecimento de falantes na língua portuguesa**

Ana Cristina de Araujo<sup>1</sup>; Helânia Thomazine Porto<sup>2</sup>

### **Resumo**

O presente trabalho visa discutir, a luz da sociolinguística, questões relacionadas ao domínio da língua portuguesa pelo seu conjunto de falantes. Ao compreender que muitos brasileiros consideram não dominar o seu idioma oficial, buscamos através de uma pesquisa realizada no assentamento 1º de Abril, em Prado – BA, onde foram entrevistados doze assentados, perceber como estas questões se davam naquele contexto. A metodologia da pesquisa sociolinguística, embasada em estudos de Tarallo (1985) e Preti (1974), foi de caráter qualitativo e quantitativo, e apontou que 67% declararam possuir pouco ou nenhum conhecimento da língua. E, as justificativas para tal (des)conhecimento se amparava no não domínio da gramática (25%); na concepção de que falam errado (25%); na incompreensão de palavras difíceis (12%), no julgamento de que não sabem por serem analfabetos (12%) e houve ainda um percentual de 13% que, embora julgasse não dominar a língua, não sabiam explicitar os aspectos que desconheciam. Para nosso embasamento teórico e compreensão das questões linguísticas encontradas e estudadas, recorreremos a Bagno (1999, 2001, 2003); Carboni e Maestri (2003); Matos e Silva (2003), dentre outros.

Palavras-chave: Língua Portuguesa. Gramática. Variantes padrão e não-padrão.

### **Introdução**

A linguagem constitui o arame farpado mais poderoso para bloquear o acesso ao poder. (GNERRE, 1991, p. 22).

---

<sup>1</sup> Mestranda em Linguística pela Universidade de Brasília, graduada em Letras: Língua Portuguesa e Literaturas, pela Universidade do Estado da Bahia, especialista em Educação em Linguagens das Escolas do Campo, pela Universidade de Brasília – UNB.

<sup>2</sup> Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, no Departamento de Educação - Campus X. Licenciada em Letras pela FAFIC/ES (1989); Especialização lato-sensu em Linguística Aplicada ao estudo do Português pela UESB/BA e Psicopedagogia pela UESC/BA; Mestrado em Educação, Administração e Comunicação - UNIMARCO/SP (2006). Tem formação em Arteterapia e bacharelado em Psicanálise. Membro do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Cultura, Educação e Linguagens - GEICEL (CNPq/CAPES/UNEB), atuante na linha de pesquisa: Língua, linguagens, significação e identidade. Realiza pesquisas acerca dos eixos temáticos: Educação, linguagem e Comunidade Indígenas; Semiótica, Linguagens e Cultura Indígena e Miatizações em Comunidade Indígena.

A história de um povo se faz sob diversos aspectos, e um dos mais emblemáticos modos de compreendê-la, conta-la e construí-la é a língua. É por meio desta que construímos nossas relações sócio-comunicativas, assimilamos e registramos nossas percepções do movimento dialético da sociedade.

Gnerre (1991) percebe a língua como identidade do sujeito, à qual permite identificar quem é o falante, qual sua classe social e origem individual e coletiva, uma vez que as percepções apreendidas não são construídas por um indivíduo isoladamente, mas pelo grupo com o qual convive e interage socialmente.

Ao considerar que temos um país com vasta extensão territorial, uma ampla heterogeneidade cultural e linguística, a identidade do povo brasileiro se apresenta de formas variadas e a língua se apresenta formada pela aglutinação de um conjunto de variedades que representam a diversidade que compõem a nossa língua.

Embora, o natural seja que a língua se expresse pela diversidade de falares, tenta-se apaga-la com a tentativa de unificação e padronização linguística, em que uma variante é definida como o padrão e imposta a todos os falantes.

E, considerando-se o fato de que vivemos em uma sociedade de classes, onde aquela que detém o poder domina todos os segmentos sociais, tem se tentado ampliar esse domínio aos aspectos linguísticos, e para isso foi imposta uma norma linguística desta como o padrão da língua aceita socialmente, ao passo que todas as demais manifestações linguísticas são consideradas erradas.

O problema central nesta concepção é que o padrão não é apreendido naturalmente, pois não é comum ao conjunto da sociedade. Logo, para estender esse domínio são criados mecanismos de imposição desta, quais sejam: a escola, os livros didáticos e as gramáticas normativas. Entretanto, ainda é altíssimo o número de analfabetos em nosso país, e estes jamais tiveram acesso a esta norma.

Assim, delinea-se uma língua formada pelos falantes das variantes padrão e não padrão, ou seja, falantes aceitos e excluídos socialmente.

Como a educação ainda é privilegio de muito pouca gente em nosso país, uma quantidade gigantesca de brasileiros permanece à margem do domínio de uma norma culta. Assim, da mesma forma como

existem milhões de brasileiro sem terra, sem escola, sem teto, sem trabalho, sem saúde, sem saúde, também existem milhões de brasileiros sem língua. Afinal, se formos acreditar no mito da língua. Afinal, se formos acreditar no mito da língua única, existem milhões de pessoas neste país que não têm acesso a essa língua, que é a norma literária, culta, empregada pelos escritores e jornalistas, pelas instituições oficiais, pelos órgãos do poder – são os sem-língua. É claro que eles também falam português, uma variedade de português não-padrão, com sua gramática particular, que, no entanto não é reconhecida como válida, que é desprestigiada, ridicularizada, alvo de chacota e de escárnio por parte dos falantes de português-padrão, o tomam como referência ideal – por isso podemos chamá-los de sem-língua dos social e linguisticamente, pois tem sua variante como erro (BAGNO, 1999, p. 15).

No intuito de perpetuar essa visão equivocada sobre a língua há uma tentativa de convencer os brasileiros que a única variante correta é aquela, e para tal formulam e disseminam mitos que justifiquem a sua superioridade. Alguns destes são tratados por Marcos Bagno (1999), um deles afirma que “brasileiro não sabe português”, que é sucedido pela afirmação de que “português é muito difícil”. O autor esclarece que o equívoco se deve ao fato de o nosso ensino da língua se pautar em regras que em boa medida não correspondem ao idioma que realmente falamos e escrevemos, e adverte: “no dia em que nosso ensino de português se concentrar no uso real, vivo e verdadeiro da língua portuguesa do Brasil e bem provável que ninguém mais continue a repetir essa bobagem”. (BAGNO, 1999, p. 34).

Outro mito abordado por Bagno (1999) é que as pessoas sem instrução falam tudo errado. Este se ancora em preconceito social, que atribui valor levando-se em conta o quem, e não o que se fala. Deste modo, não é a falta de instrução que define o erro, mas a posição socioeconômica do falante.

Há ainda o mito que afirma que é preciso saber gramática para falar e escrever bem, evidenciando a confusão que se faz entre língua e gramática.

O que aconteceu, ao longo do tempo, foi uma invenção da realidade histórica. As gramáticas foram escritas precisamente para descrever e fixar como “regras” e “padrões” as manifestações linguísticas usadas espontaneamente pelos escritores considerados dignos de admiração, modelos a ser imitados. Ou seja, a gramática normativa

é decorrência da língua, é subordinada a ela, dependente dela. (BAGNO, 1999, p. 63).

Diante da predominância destes mitos buscamos compreender se estes se confirmam através de um estudo de campo empreendido em 2010 com moradores do assentamento 1º de Abril, no município do Prado (BA).

## **Diálogos entre os mitos acerca da língua e a realidade dos falantes**

O estudo foi realizado no assentamento 1º de Abril<sup>3</sup>, do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra – MST, localizado em Prado-BA, orientado e fundamentado pela pesquisa sociolinguística, a qual Fernando Tarallo (1985) compreende como modelo teórico-metodológico que assume o “caos” linguístico como objeto de estudo.

Neste trabalho foi utilizado com procedimentos metodológicos a descrição do contexto social e o levantamento do perfil dos sujeitos através de questionários com perguntas semi-estruturadas. E, a análise dos dados se deu por uma abordagem qualitativa e quantitativa, ou seja, a interpretação dos discursos atentando-se para a ideologia presentes nestes, tendo como ciência a Sociolinguística.

Entrevistamos um total de doze assentados, em sua maioria agricultores, divididos em diversas faixas etárias. Estes sujeitos estão inseridos nas lutas sociais, em que vivenciam constantemente situações sócio-comunicativas através de reuniões e assembleias, quando discutem questões relacionadas ao assentamento e à organização no geral.

Com o objetivo de compreender como os falantes se percebiam no tocante ao domínio da língua, perguntamos se estes sabiam língua portuguesa, ao que 42% responderam não a conhecer, ao tempo em que 25% afirmaram ter um domínio parcial, e somente 33% declararam que sabiam português.

Diante deste quadro, buscamos compreender os argumentos que justificavam tal desconhecimento e insegurança no tocante ao uso da língua.

---

<sup>3</sup> O assentamento fica localizado a 7 km da cidade de Prado, na estrada que liga a BA 489 a Cumuruxatiba – BA. Para maior conhecimento da história do assentamento recorrer a: OLIVEIRA, Nilda da Silva Bonfim de. Resgatando a memória do assentamento 1º de Abril. Prado – BA, 2004. 30 f. Monografia (Ensino Médio do PRONERA) Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Teixeira de Freitas, 2004.

Percebe-se que 25% dos entrevistados justificaram tal desconhecimento pelo não domínio da gramática, evidenciando a confusão entre esta e a língua.

*Pesquisadora:* Você sabe português?

*Lucia:* Não sou muito boa de português não. Eu acho que não sei.

*Pesquisadora:* E o que você já sabe?

*Lucia:* Essas regras gramaticais. Gramaticalmente correto eu não sei.

Também para Luiz (2010), saber a língua implica no domínio desta,

*Pesquisadora:* Você sabe português?

*Luiz:* Não

*Pesquisadora:* o que você já sabe?

*Luiz:* Nem a gramática, nem português, assim... e não entendo não.

A visão da língua subordinada à gramática é equivocada, pois ela é apenas o registro de um modo de fala particular, e não a língua em si. Entretanto, ressalta Bagno (1999), pela importância que lhe foi atribuída ela passou a ser instrumento de poder e controle, levando os falantes a acreditarem que são dependentes dela, e que esta é sinônimo de uma língua bela e pura. Enquanto isso, todas as demais manifestações linguísticas são desconsideradas. “Esse mito está ligado à milenar confusão que se faz entre língua e Gramática Normativa. Mas é preciso desfazê-la. Não há por que confundir o todo com a parte” (BAGNO, 1999, p. 66).

“O certo é falar assim por que se escreve assim” e “as pessoas sem instrução falam tudo errado”, eis outro mito que se mostrou vivo nas consciências de 25% da população que considerava não saber a língua porque julgavam falar errado.

*Pesquisadora:* Você sabe português?

*Raimunda:* Mais ou menos

*Pesquisadora:* por que mais ou menos, o que você não sabe?

*Raimunda:* o português é muito complicado. Tem algumas coisas no português que você se complica com as palavras. Eu falo mais ou menos, porque pra mim pode ta certo, mas pra quem é formado nessa área de língua portuguesa pode haver alguma palavra que tá incorreta, por isso eu falo mais ou menos.

A ideia de que saber a língua mais ou menos está atrelada ao valor que outras pessoas atribuem ao seu modo de fala, o que mostra a desvalorização que percebem pelo uso de sua variante. Esta é a visão também de Lucileide (2010).

*Pesquisadora:* Você sabe português?

*Lucineide:* Eu não

*Pesquisadora:* Não sabe não?

*Lucineide:* Num sei bem falar o português correto, igual aos outros falam.

*Pesquisadora:* o que você não sabe?

*Lucineide:* Não, porque tem palavras assim, né que a pessoa fala... Assim, essa menininha aí mesmo (aponta para uma criança) eu fico *assuntando*, ela fala máquina assim tão certinho assim, correto assim, sei lá. Eu num é muita coisa, que num falo correto não, tem muito gente que vê, eu erro né;

Muitas vezes, as palavras entendidas como erradas, são assim, classificadas por ignorância e desconhecimento linguístico, já que se explicam na própria história do idioma e da formação de tais palavras. “[...] o preconceito linguístico é decorrência de um preconceito social” (BAGNO, 1999, p. 42). Além disso, “[...], nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico” (BAGNO, 1999, p. 51).

A falta de domínio de algumas palavras, exatamente por não fazer parte do seu cotidiano, foi o argumento de 12% da população ao suposto desconhecimento da língua.

*Pesquisadora:* Você sabe português?

*Elcimar:* Pouquinho

*Pesquisadora:* O que você sabe pouquinho, qual a parte que você não sabe no português?

*Elcimar:* Ah, eu acho que essas coisas mais difíceis né, no caso as palavras mais difícil a gente tem certeza certa dificuldade de falar né, mas eu sei o básico de português.

Ora, todo falante sabe a sua língua e a do seu grupo, ninguém domina todas as palavras, e isso não representa o desconhecimento do idioma. “O brasileiro sabe o seu português, o português do Brasil, que é a língua materna de todos os que nascem e vivem aqui” (BAGNO, 1999, p. 31).

Com a equivocada compreensão de resumir a língua a uma variante, e sendo representante apenas de um grupo da sociedade, esta se apresenta aos demais de forma desconhecida, e a forma de apreensão utilizada para estendê-la aos demais é a escola. Entretanto, como ainda temos milhões de brasileiros analfabetos, esta norma- compreendida como língua – jamais será dominada pela totalidade da população. É amparada nesta que compreensão os 12 % que justificaram não saber português pelo fato de não ser alfabetizado.

*Pesquisadora:* A senhora sabe português?

*D. Maria:* Não.

*Pesquisadora:* E o que a senhora não sabe?

*D. Maria:* Num sei, nem estudei, só sei isso aí, só sei falar.

Essa compreensão decorre da subordinação da língua à norma padrão, à qual não se apreende sem a instituição escolar. O erro está em não perceber que a norma padrão é apenas uma das variantes existentes na língua.

Há ainda 13% que declaram não saber a língua por julgarem não ter competência de se expressar bem, tal como se percebe na fala de D. Antonia (2010),

*Pesquisadora:* A senhora sabe português?

*D. Antonia:* Não.

*Pesquisadora:* E o que é que a senhora não sabe no português?

*D. Maria:* Eu acho que é coisa nenhuma, né, porque o português que eu entendo assim no meu modo de pensar é a pessoa às vezes, é saber expressar alguma coisa e entender bem daquilo que tá falando, né, às vezes, eu num tenho prática pra isso.

É verdade que se expressar com eficiência é um dos mecanismos oferecidos pela língua, mas, há que se questionar em que contexto se situam os falantes, e a partir da avaliação de quem essa forma de expressão é considerada ineficiente.

Há 13% de sujeitos que, embora se consideram desconhecedores da língua, não conseguem explicar o que desconhecem, mostrando que

assimilam estes mitos sem fazer uma auto-avaliação do que conhecem e desconhecem.

*Pesquisadora:* Você sabe português?

*Joao:* “Rapaz, sei algumas coisas. Eu nunca fui bem em português, mas alguma coisa a gente entende, outras não. Dá pra desenrolar um pouco.

*Pesquisadora:* O que você considera que não entende?

*João:* “Rapaz tem muitas coisas, melhor deixar pra lá.

Deste modo, inferimos que a língua foi e continua sendo um instrumento de dominação, utilizada como meio para que uma minoria se mantenha no poder, excluindo a outra parcela da população que fica a margem desse capital linguístico, consequência da desigualdade social imposta pelo sistema econômico excludente.

A avaliação de uma norma correta e outra incorreta é uma das maneiras de consolidar o controle social e político sobre classes subalternas, na tentativa de calar suas vozes e intimidá-las em diversas situações a expor oralmente suas posições, reprimindo-os e aniquilando-os da participação social e política. Tal prática contradiz a noção de língua enquanto instrumento de comunicação a serviço de uma diversidade de falantes.

## **Considerações Finais**

A linguagem é construída pelos sujeitos nas relações estabelecidas em sociedade, e que a língua sendo veículo de expressão está cindida de valores e ideologias, por isso, é frequentemente utilizada como instrumento de legitimação de uma classe em detrimento de outras, utilizando o preconceito linguístico para mascarar o preconceito social histórica e socialmente produzido. Pautados nesses teóricos, e no estudo construído ao longo do tempo, propomo-nos a fazer a pesquisa de campo, a fim de compreender o diálogo das questões teóricas com a realidade encontrada na pesquisa.

Delimitamos como lócus o assentamento 1º de Abril – Prado – BA, onde, fazendo uso de questionário aberto, entrevistamos doze sujeitos, objetivando perceber a forma como estes se compreendem enquanto falantes da língua portuguesa.



Confirmamos no estudo realizado que a maioria dos sujeitos se sente insegura quanto ao uso do idioma, uma vez que 67% declararam não saber língua portuguesa, e 66% consideraram conhecer somente alguns aspectos daquela. Atribuímos esses resultados ao fato de se impor a variante padrão como modelo, e se ignorar as demais, inclusive e principalmente na escola.

Os resultados aprofundam a tese que a língua é um instrumento político, e como tal é um campo em disputa. Percebe-se, que a imposição da norma padrão como sinônimo de língua correta e aceita socialmente se configura como meio de dominação linguística de uma classe sobre a outra. Explicitando que os mitos que sustentam a superioridade da norma padrão estão vivos nas consciências dos falantes, que estes assimilam e tomam como verdade, mesmo quando isso implica na sua opressão.

Portanto, conscientizar aos sujeitos de que a língua é um patrimônio de toda a humanidade, que seu uso atende as necessidades linguísticas dos grupos, e exatamente por isso se apresenta de forma diversificada, por atender a um universo de falantes que são diferentes entre si, se faz necessário e urgente.

Negar aos sujeitos o seu sentimento de falante, de ser que interage com outros e com a sociedade, é uma forma violenta de opressão, em especial quando se dá pela inferiorização da variante que os representa. Pois, são os falantes vivos, e não as letras impressas em papel, que fazem e ditam o rumo da língua e da história como um todo.

## Referências

ALVES, Clarice Vaz Peres. Linguagem e consciência: mediação para uma prática reflexiva. **Revista linguagem e cidadania**. Rio Grande do Sul, RS. Ed. nº 14, dez. 2005.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

BAGNO, Marcos.. **Português ou brasileiro?** Um convite a pesquisa. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2001.

BAGNO, Marcos.. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 49. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

CARBONI, Florence; MAESTRI, Mário. **A linguagem escravizada**: Língua, história, poder e luta de classes. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

LUCCHESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem**: um percurso na história da lingüística moderna. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

OLIVEIRA, Nilda da Silva Bonfim de. **Resgatando a memória do assentamento 1º de Abril. Prado – BA**. 2004. 30f. Monografia (Ensino Médio a Normal do PRONERA) Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Teixeira de Freitas, 2004.

OLIVEIRA, Nilda da Silva Bonfim de. Os distintos tempos educativos no/do curso de pedagogia da terra/BA. Turma Jacy Rocha. **Contribuições, limites e possibilidades para a formação de educadores do campo**. Monografia (Licenciatura em Pedagogia). Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Teixeira de Freitas, 2010,

PERINI, Mário A. **A língua do Brasil amanhã e outros mistérios**. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

PRETI, Dino. A Sociolinguística e o fenômeno da diversidade na língua de um grupo social. In \_\_. **Sociolinguística**: os níveis da fala. São Paulo: Cia Nacional, 1974.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.